



FLORINHA DO MÊS DE OUTUBRO

A primeira “florinha”,
deste mês de outubro,
vai nos levar até Goa,
Índia.

Naquele tempo também
grassava uma pandemia.

Na linha da frente
estavam as

Irmãs Franciscanas
Hospitaleiras, com o

consentimento da
Fundadora, Irmã Maria

Clara, cheias de
coragem que lhes vinha
da disposição interior de

ser e viver como
menores, hospitaleiras e
mães, dando a própria
vida.

«Conta-se que, num edifício de triste e sombria aparência, onde a dor e a morte espalham o terror, estavam as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras à cabeceira dos infelizes, a quem a varíola afastou para longe dos seus. Sem receio do contágio, ocupavam-se daquelas pessoas de saúde frágil, abandonadas pela própria família. A polícia era quem as conduzia a um local chamado Lazareto, para receberem os cuidados de saúde. Mas ali eram tratados de forma lamentável.

Logo que as Irmãs souberam do que se passava, ofereceram ao Governador os seus préstimos no Lazareto. Imediatamente foram aceites. Lá foram elas, cheias de alegria e entusiasmo, ao encontro do Esposo de mil rostos, viver a proximidade com os infetados pela varíola. O enfermeiro, da porta, lhes pedia as informações para as comunicar ao médico que não se abeirava dos doentes e tremia só de pensar em ir à enfermaria. Para ministrar os sacramentos, a custo, ia um sacerdote. Por demais, além da doença mortal, eram pessoas em total abandono e solidão das quais nem a própria família se aproximava!» (Crónica da CONFHIC de 1933.

Com o testemunho de coragem das nossas Irmãs, Deus compassivo e rico de misericórdia fez algo grandioso acontecer: as famílias passaram a aceitar os seus doentes; e Mãe Clara teve a alegria de não ver nenhuma das suas Irmãs contagiadas.

Ainda hoje, por dom e graça do carisma, o Senhor continua a operar maravilhas sobre os calvários da terra, onde, de pé, a exemplo de Maria, continuam as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, a misericordiar, amenizando a dor e as necessidades básicas de tantos irmãos e irmãs que necessitam de nós.